

Quem tem tempo de escrever na pandemia de Coronavírus? Ciências Sociais, produção acadêmica e maternidade

Who has time to write in the Coronavirus pandemic? Social Sciences, academic production and motherhood

Rosamaria Carneiro

Universidade de Brasília
(UnB)

E-mail: rosacarneiro@unb.br

Resumo

Este artigo problematiza as consequências da pandemia de Coronavírus na produção intelectual de docentes universitárias mães. Para isso, descreve a configuração da casa pandêmica, em seu tempo/espaço e sobreposição dos trabalhos produtivo e reprodutivo, pontuando como afetaram na sua escrita acadêmica. Como estrutura argumentativa toma as ideias de “crise” e de “artesanato intelectual” como margens para pensarmos sobre duas questões: sobre o que escrevemos – enquanto cientistas – na crise? Como mães intelectuais escrevem em tempos tão adversos? Metodologicamente, toma escritos teóricos e resultados de pesquisas recentes sobre a produção intelectual feminina durante o isolamento social; mas também a teoria social já posta sobre crise, gênero e ciência, para além de notas e percepções oriundas do cotidiano da própria autora, docente universitária e mãe de duas crianças pequenas, em um registro marcadamente auto-etnográfico.

Palavras-chaves: Pandemia. Produção acadêmica. Docentes. Maternidades. Gênero.

Abstract

This article problematizes the consequences of the Coronavirus pandemic on the intellectual production of mother university professors. For this, it describes the configuration of the pandemic house, in its time/space and overlap of productive and reproductive work, punctuating how they affected in their academic writing. How does the argumentative structure take the ideas of "crisis" and "intellectual craftsmanship" as margins for thinking about two questions: About what we write – as scientists – in the crisis? How do intellectual mothers write in such

adverse times? Methodologically, it takes theoretical writings and results of recent research on female intellectual production during social isolation; but also the social theory already put on crisis, gender and science, in addition to notes and perceptions derived from the daily life of the author herself, university professor and mother of two young children, in a markedly self-ethnographic record.

Keywords: Pandemic. Academic production. Teachers. Maternity. Gender.

Em vários momentos do dia, tento ler e me concentrar, mas é praticamente impossível. Tem dias que não consigo terminar um raciocínio, pois sou frequentemente interrompida. Encontro paz apenas na madrugada, quando todos estão dormindo e eu consigo resistir ao cansaço do dia a dia, e aproveito para estudar para os concursos públicos, acadêmicos ou não. Enfrento muitas interrupções na produção do trabalho acadêmico, mas elas são necessárias para que se desenrole a cumplicidade da relação entre o casal e também entre pais e filhos (LOURETTI; SANCHES, 2020).

Pandemia e trabalho docente: notas introdutórias

Durante a pandemia de Covid-19 fui convidada a compor uma mesa-redonda que refletia sobre a produção acadêmica em tempos de crise. O intuito era problematizar o artesanato intelectual, que caracteriza a pesquisa em Ciências Sociais, em momentos críticos da humanidade. Certamente fui cogitada para tal debate por conta de minha inserção, de muito tempo, no campo dos estudos feministas e das maternagens contemporâneas (AUTORA, 2015). Para essa tarefa, então, tratei de inicialmente me deter a dois de seus termos-chaves: crise e artesanidade.

O artesanal nos remete ao que é feito com as nossas próprias mãos e que carrega, em si e por si, uma marca pessoal e singular daquele que concebe e produz determinado produto. É também o manufaturado, o original e, assim, “o sem igual”. A crise, de outra parte, pode ser compreendida como uma situação, uma notícia e/ou um fato que nos desaloja, nos tira do lugar, subvertendo ordens e supostas certezas.

Desde março de 2020 temos experimentado uma crise mundial, não somente sanitária, mas também econômica, política e emocional. Por conta da pandemia de

Covid-19, muitas professoras e pesquisadoras¹, das mais distintas ordens, estão em casa, trabalhando remotamente, sem o apoio de suas famílias estendidas e de outras redes de sociabilidade, como as escolas, os contraturnos e as creches, para cuidarem de seus filhos, para além do trabalho com a casa e a comida. Como pontuei em outra oportunidade (AUTORA, 2020), a meu ver, o peso e a sobrecarga do trabalho reprodutivo e do cuidado com a vida, em geral, talvez nunca tenham sido tão descortinados, como tem sido desde o estabelecimento do isolamento social. Cansaço, exaustão, queda de produtividade, desemprego, informalidade, depressão e melancolia são algumas das consequências e emoções experimentadas a partir de tal realidade por muitas mulheres brasileiras (MORAIS e MORAES, 2020; FREITAS, 2020; ROSO e MATOS, 2020), dentre elas, as professoras universitárias, a partir das quais pretendo escrever, haja vista nesse universo me encontrar.

O ofício da Cientista Social é descrever e refletir sobre os fatos e as relações sociais que nos conformam enquanto sujeitos e a partir das quais produzimos a nossa própria realidade. De acordo com Cardoso de Oliveira (2001), “vemos, ouvimos e escrevemos”. Ou, então, tornamos legível e compreensível um manuscrito que parecia borrado e redigido em um idioma que desconhecemos (GEERTZ, 1995). Por meio de um trabalho “microscópico e artesanal” nos colocamos, assim, o desafio de “olhar de perto e de longe” (LEVÍ-STRAUSS, 1990), para problematizar o que nos aproxima, o que nos diferencia e, assim, produzir teoria social, mas uma teoria social, em minha leitura, como sustenta Donna Haraway (1995), “situada e localizada”, assumidamente “parcial e artesanal” (GOLDEMBERG, 2017). Se assim poderia ser compreendido o nosso ofício, tanto enquanto pesquisadoras como professoras que o ensinam nas universidades, gostaria de propor três perguntas importantes para pensarmos sobre pandemia, gênero e prática, e produção profissional docente. Essas questões norteadoras seriam: “Sobre o que uma cientista social, docente e pesquisadora, pode e deve escrever em tempos de exceção?”; “Como essa cientista social, docente e pesquisadora, pode e consegue escrever em tempos tão adversos organizacional e emocionalmente?”; “Sendo essa docente uma mãe durante a

¹Neste artigo usaremos a flexão do gênero feminino de maneira universal, justa e propositadamente por conta de seu argumento recair sobre a produção acadêmica e intelectual entre as mães docentes e universitárias.

pandemia, quais são os contornos e os dilemas que decorrem e impactam em sua prática profissional e acadêmica?”

Partindo deste pano de fundo, o presente artigo discute os dilemas e as possibilidades de produção acadêmica de professoras universitárias em tempos de pandemia, de forma a refletir sobre isolamento social, produção acadêmica, gênero e maternidade. Para isso, desenvolverá o seu argumento em três seções: sobre o que se pode escrever durante a pandemia; como se escreve e quais as particularidades deste trabalho; como faz quando sua autora é mãe em isolamento social. Como estratégica teórica, empírica e discursiva, tomarei o meu próprio universo, o campo das Ciências Sociais, e as noções de crise e de artesanato que compõem o meu ofício para tentar responder às questões propostas e, com isso, contribuir para o adensamento das reflexões sobre trabalho e produção docente em tempos extraordinários. Metodologicamente, me valerei da bibliografia que pensa o trabalho do Cientista Social, bem como de uma espécie de autoetnografia (GAMA, 2020), enquanto professora universitária e mãe na pandemia.

Sobre o que escrevemos em contextos de crise?

Recordo-me de uma vez, ainda bastante jovem, ter escutado de uma de minhas orientadoras: “não adianta querer estudar um determinado assunto que te interesse; é o campo que lhe indicará sobre o que quer falar e, por consequência, sobre o que você vai escrever”. No último ano, o mundo todo falou o mesmo idioma, ainda que com sotaques práticos bastante diversos: o medo e a insegurança diante da pandemia de Coronavírus. Por onde olhamos, pelas telas dos computadores e dos celulares, que é por onde temos andado com mais frequência, fala-se e escreve-se sobre a pandemia. Mesmo quando a pandemia é negada ou desacreditada, fala-se sobre o vírus. Entre os que usam e não usam máscaras, entre os que trabalham em casa e os que precisam necessariamente sair de casa para sustentar as suas famílias. A pandemia é vivida de maneira desigual no Brasil e isso também salta aos nossos olhos, por isso, já se cunhou o termo “sindemia”², na compreensão de que a experiência

²Disponível em: <https://dasa.com.br/blog-coronavirus/sindemia-covid-19>. Acesso em:

da pandemia é interseccional e bastante diferente a depender da profissão, raça/cor, classe social, gênero, região do país e geração, entre tantos outros recortes. Para além disso, o Brasil foi considerado o pior país no *ranking* da condução da pandemia no mundo³, conta com um governo negacionista, que repudiou o uso de máscaras, diminuiu o perigo da pandemia, considerando-a uma “gripezinha” e difundiu o uso de medicamentos para tratamento precoce, cujos efeitos têm sido dramaticamente questionados e gerado mais males do que benefícios⁴. Em nosso caso, assistimos ainda, o crescimento marcado das taxas de mortalidade materna, já considerada uma das maiores no mundo por Covid-19⁵; as escolas foram as que mais permaneceram fechadas no mundo⁶, com muitas crianças sem acesso à comida e à proteção social que somente a escola oferecia. No início de 2021, assistimos à difusão de uma nova variante do Coronavírus, a P1 surgiu inicialmente em Manaus, mas rapidamente se espalhou por todo o território, deflagrando uma segunda onda ainda mais grave no país, período em que o sistema de saúde colapsou, com falta de medicamentos, de leitos e de UTIs. Por conta disso, a maior e mais rica cidade do país, assistiu, pela primeira vez, enterros noturnos, dada a quantidade de óbitos registrados e a impossibilidade de sepultamentos⁷. Como se não bastasse, a vacinação caminha de modo lento e nos faltam insumos e vacinas, já que também foram objeto de questionamento por parte do Governo Federal, e também foram objeto de seu negacionismo científico.

Diante de tudo isso, de tanta insegurança social, desamparo estatal, mortes, muito luto, dor e sofrimento, sobre o que, nós docentes e pesquisadoras universitárias, podemos escrever? Por todos os lados, as nossas pesquisas têm sido afetadas pela pandemia, tanto temática quanto metodologicamente (MALUF, 2021). Para as antropólogas, como eu, a pesquisa de campo presencial teve que ser interrompida, para a segurança pessoal, mas também das comunidades e dos grupos que

³Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2021/01/28/brasil-e-pior-pais-do-mundo-na-gestao-da-epidemia-de-covid-19-aponta-estudo-australiano.ghtml>. Acesso em: 10 fev. 2022.

⁴Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55107536>. Acesso em: 10 fev. 2022.

⁵Disponível em: <https://radis.ensp.fiocruz.br/index.php/home/noticias/brasil-e-o-pais-com-mais-mortes-de-gestantes-por-covid-19>. Acesso em: 10 fev. 2022.

⁶Disponível em: <https://pt.unesco.org/news/dados-da-unesco-mostram-que-em-media-dois-tercos-um-ano-academico-foram-perdidos-em-todo-o>. Acesso em: 10 fev. 2022.

⁷Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/03/30/com-recorde-de-mortes-pela-pandemia-prefeitura-de-sao-paulo-autoriza-sepultamentos-a-noite.ghtml>. Acesso em: 10 fev. 2022.

investigamos. As telas e os áudios tornaram-se os únicos caminhos possíveis – ou os mais seguros. Precisamos sair de área, remodelar pesquisas e orientações de mestrado e de doutorado. Ao trabalharmos com a escuta da vida social, nossos interlocutores também passaram a conversar em outro idioma: em uma língua também atravessada pela pandemia. Passamos a dialogar mediados pelas telas ou pelas máscaras e, inevitavelmente, nossos antigos temas de pesquisa foram entrecortados pela Covid-19.

Nesse sentido, a crise nos iguala na afetação pelo vírus, ainda que a biomedicina siga nos caracterizando em “grupos de risco”. Vidas foram alteradas e impactadas pelo isolamento social, mortes, medo e desemprego. Mesmo que estivesse pesquisando as relações entre os modos de gestar, parir e maternar entre mulheres de gerações diferentes, entre mães e filhas de uma mesma família e suas gramáticas emocionais, meu objeto atual de trabalho (AUTORA, 2020); ainda que não esteja diretamente relacionado à pandemia, tal investigação também se viu alterada, pois em um momento crítico é da criticidade que as mulheres querem discorrer: sobrecarga de trabalho, ausência das avós e de suporte com as crianças e tripla jornada de trabalho. Muitas das mulheres que são as minhas informantes de pesquisa passaram a me contar sobre a falta que suas mães faziam neste momento, em que as avós não poderiam ficar com os netos; mas também sobre a carga de cuidar de duas gerações à distância, ou seja, de suas mães isoladas e das crianças em suas casas. Esse é somente um exemplo de como, inevitavelmente, os nossos universos empíricos foram e serão, ainda, muito atravessados pela pandemia. As pessoas desejam e desejarão discorrer sobre suas experiências, narrar e fazer conhecer o que têm vivido e como têm vivido, em seus dramas e possibilidades. Dessa maneira, tendo a considerar que escrevemos e escreveremos sobre a crise.

Mesmo que enalteçamos o distanciamento temporal e subjetivo de nossos universos de pesquisa; a importância do tempo para a reflexão e para a produção da teoria social, a própria teoria não pode passar incólume a tudo o que temos vivido nesse tempo, condensado e tão dilatado, de quarentena e isolamento social. Não se trata de defender a produção instantânea do conhecimento (NAKAMURA, 2011), pois há que se zelar hodiernamente pelo rigor científico de nossas produções. Penso que, para isso, o tempo, o diálogo com a teoria social posta e produzida anteriormente,

junto de uma descrição minuciosa de todo o caminho percorrido metodologicamente são todos itens inalienáveis em nossa produção acadêmica e escrita intelectual. No entanto, também atravessados pela crise.

O antropólogo Victor Turner, ao escrever sobre dramas e metáforas, em sua proposta de uma antropologia da performance, nos coloca diante da noção de liminaridade, um estágio que subverte a ordem vigente, que nos suspende e, assim, nos desaloja. Nessa oportunidade, tomo a liminaridade como a crise: a pandemia. Se os nossos campos de pesquisa querem e falam sobre a crise, se todo o nosso entorno social fala sobre a crise, é sobre ela que precisamos pensar e escrever, ainda que seja mais desafiador, mais incerto e talvez ainda mais situado e parcial (DONNA HARAWAY, 1995). Se as Ciências Biológicas têm corrido diariamente em busca das terapêuticas, de vacinas e da descrição dos comportamentos do Coronavírus, enquanto Cientistas Sociais também temos esse desafio: estar atentos ao que nos contorna, pensando sobre o quanto de tudo isso é extraordinário ou, contrariamente, ordinário (AUTORA, 2020).

Então, escrevemos sobre o agora. É urgente, assim como tudo ao nosso redor. Mas mais do que isso, há aqui mais uma dobra nesse debate, não estamos nas ruas, vendo as pessoas, observando-as em seu cotidiano, não conversamos frente a frente para enxergar sua boca ao falar, seus trejeitos, seus desconfortos e embargos de voz. De outro lado, nós, Cientistas Sociais, também estamos envolvidas e imersas na crise, gerada pela pandemia e por seus desdobramentos. Eu havia iniciado recentemente minha pesquisa de pós-doutoramento, sobre cuidados e maternagens em gerações de mulheres, mas me vi, imersa em minha casa, com meus filhos pequenos sem escola, com os cuidados da casa e da comida, sem me ausentar de meus compromissos em congressos, simpósios, reuniões de grupo de pesquisa, redação de artigos e de relatórios de pesquisa, aulas remotas e de encontros para a orientação de estudantes de iniciação científica, mestrado e doutorado. Vi-me mergulhada em meu cotidiano sobrecarregado de tarefas, sem as redes de cuidado e de sociabilidade e sem a escola de meus filhos, de forma a olhar para a minha experiência, de docente e pesquisadora e para a minha produção acadêmica, também intelectualmente (AUTORA, 2020). Há uma dimensão da vida pessoal que vaza para os textos acadêmicos produzidos não

somente nesse momento, mas talvez, sobretudo, nesse momento, pois estamos todas afetadas (FAVRET-SAAD, 1991) pela experiência e sua intensidade emocional.

Não ao acaso tem sido comum encontrarmos textos de relatos pessoais, amparados no debate da autoetnografia, de tom mais pessoalizado e escritos a partir do cotidiano (LILIANA CASTANEDA, 2021; PIRES, 2020; AUTORA, 2020; AURELIANO, 2020). Se escrevemos sobre o que vemos e ouvimos (Cardoso de Oliveira, 2001), temos visto e ouvido nossas casas e nossas questões mais pessoais de maneira muito acentuada, por isso a transformação de nossa escrita, de nossa produção acadêmica e de nosso trabalho como docentes e pesquisadoras universitárias. Penso que o desafio maior é, justamente por tudo isso, “estranhar ao familiar” (VELHO, 1978), tomar distância do experimentado para refletir sobre seus desenhos e particularidades; produzir academicamente sobre a própria casa como laboratório social. O vivido em primeira pessoa torna-se, em alguma medida, o material bruto para a reflexão social. Mas essa não pode ser considerada uma particularidade da pandemia ou da crise, já que, nas linhas do sociólogo americano Wright-Mills (2009), é preciso pensar sobre a produção acadêmica e investigativa do cientista social como um “artesanato intelectual”, intimamente relacionado à vida pessoal de quem pesquisa, escreve e, assim, produz teoria social.

[...] é melhor começar, creio, lembrando aos principiantes que os pensadores mais admiráveis dentro da comunidade intelectual que escolheram não separar seu trabalho de suas vidas. Encaram a ambos demasiado a sério para permitir tal dissociação, e desejam usar cada uma das coisas, uma para o enriquecimento da outra.

Isso significa que deve aprender a usar a experiência de vida no seu trabalho continuamente. Nesse sentido, o artesanato é o centro de si mesmo, e o estudante está pessoalmente envolvido em todo o produto intelectual de que se ocupe. Dizer que pode “ter experiência” significa que seu passado influi e afeta o presente, e que define a sua capacidade de experiência futura. Como cientista social ele terá que controlar essa interinfluência bastante complexa, somente dessa forma pode esperar usá-la como guia e prova de suas reflexões... (MILLS, 2009, p. 212).

Se a recomendação de Wright-Mills é a de que levemos a sério as nossas experiências e de que façamos dialogar vida profissional e vida pessoal, em um contexto de crise – como o atual – urge analisarmos a pandemia também a partir de nossas experiências, das mais próximas, a partir de nossas casas, emoções e políticas

de cuidado. Dessa maneira, na crise escreve-se intelectual e academicamente sobre a crise.

Como escrever sendo mãe em tempos tão adversos?

Conseguir é bem diferente de poder, em que pese ambos sejam verbos. Poder expressa uma faculdade, mas o conseguir carrega uma dificuldade a mais, parece-me mais um exercício com obstáculos. Em meu caso, ao olhar para minha experiência, entendendo-a, na esteira de W. Mills, como fonte legítima de problematização do mundo, tendo a acreditar que o “conseguir” é o verbo mais apropriado a ser conjugado. Sou mãe de duas crianças, sem escolas há 1 ano por conta do isolamento social. Enquanto pesquisadora do cuidado e das maternagens, o isolamento social tem sido um prato cheio para refletir sobre gênero, trabalho doméstico, criação, noção de casa, de direitos sociais e de modelos de maternagem no decorrer da história. Nesse sentido, ao partir de minha experiência pessoal e profissional, de ser uma mãe isolada, vejo-me cotidianamente refletindo sobre a experiência das mulheres mães em suas múltiplas tarefas, muitos foram e tem sido os *insights* teóricos e analíticos pensados a partir de mim ou de fontes próximas a mim, tanto teóricas quanto nativas, advindas de meu universo de informantes (AUTORA, 2015) e também de fontes imagéticas, desde fotos, postagens nas redes sociais, filmes ou arte em geral produzida durante a pandemia (AUTORA, no prelo). Percebo, no entanto, que se muitos são os processos analíticos mentalmente produzidos e desencadeados, rara tem sido a vazão dessas percepções. Ou seja, poucas têm sido as linhas que concretizam tal processo de reflexão. Em que pese, eu pense e interprete a realidade, conseguir escrever um artigo, ainda que em seu rascunho ou em um borrão a ser burilado, tem sido uma tarefa hercúlea nos últimos meses, dura e dolorida. Por isso, recordo-me muito de Virginia Woolf, no conhecido “Um teto todo seu” de 1929, quando naquela época já denunciava as dificuldades da produção intelectual feminina:

Aqui estou eu, perguntando-me por que as mulheres não escreviam poesia no período elisabetano, e não tenho certeza de como elas eram educadas; se alguém as ensinava a escrever; se possuíam salas próprias; quantas mulheres tinham filhos antes dos vinte e um anos; o que, em resumo, elas faziam das oito da manhã até às oito da noite.

Elas não tinham dinheiro, é evidente; de acordo com o professor Trevelyan, elas se casavam, querendo ou não, antes mesmo de sair dos cueiros, provavelmente aos quinze ou dezesseis anos. Teria sido extremamente incomum, mesmo considerando essa demonstração, que uma delas tivesse escrito as peças de Shakespeare (WOOLF, 2014, p. 69).

Pergunto-me por que as mulheres mães intelectuais e cientistas sociais não têm escrito como o faziam anteriormente? Ou melhor, por que nunca o fizeram na mesma velocidade e com o mesmo peso que os homens intelectuais? Ou, ainda, por que não o fazem como as mulheres que não têm filhos? Tais perguntas logo encontram respostas ao nos atentarmos ao cotidiano doméstico e pandêmico (SCIENCE, 2020). Não escrevemos, pois não conseguimos. O espaço e o tempo operam com os entraves. A casa pandêmica tornou-se um espaço condensado, de muitos ao mesmo tempo, e de um tempo inexistente. Dada a coabitação diária e constante e todas as atividades que ela congrega, não há tempo de solidão e de introspecção, fundamentais para a produção intelectual. Para continuar com Virginia Woolf, quando “o teto não é todo nosso” e mais expressivamente parece desabar sob nossas cabeças, encurtando ainda mais o já raro e diminuto tempo/espaço das mães docentes universitárias, torna-se difícil realizar qualquer produção acadêmica.

Se, em um contexto ordinário de mundo, as crianças circulavam (FONSECA, 2002) entre as escolas, babás, avós, rede de amigas, creches e contraturnos, ao deixarem de circular por conta da pandemia e da obstrução de tais redes de compartilhamento, encontram-se concentradas nas casas, no seio da família. Essa talvez seja a maior exacerbação da ideia de “família nuclear” experimentada pela humanidade; em que pese, é preciso ressaltar, múltiplos sejam os arranjos familiares no Brasil, sobretudo, nas camadas populares, nas quais é sabido que muitas são monoparentais e chefiadas por mulheres, que contam com a ajuda de outras mulheres – avós, vizinhas etc.

Nesse sentido, se já nesse modelo, *per si*, sempre existiu a sobrecarga feminina com as tarefas da casa e dos cuidados (FEDERICI, 2018; HIRATA, 2016), em sua exponencialidade pandêmica torna-se quase impossível pensar e escrever, dado o número de interrupções sofridas pelas mulheres. Não há teto e não há espaço, duas condições fundamentais para que possamos, nós, Cientistas Sociais, pensarmos e escrevermos. Nosso ofício é solitário, individual e autoral. O trabalho da escrita

científica demanda o recolhimento e a privacidade.

Nos últimos meses sinto que, ao invés de nos acostumarmos ao isolamento e às supostas novas condições de trabalho, as dificuldades se intensificaram ainda mais, diante da crise. Depois de 1 ano em casa, as crianças estão saudosas e impacientes e, por consequência, a falta de interação social é gritante, o que torna a demanda junto às mães e aos pais ainda mais acentuada. Em minha casa, tem sido muito comum o lamento quando me veem ingressando no escritório improvisado no quarto em que antes as crianças dormiam: “Mas mamãe, você já vai trabalhar de novo?”. Ou então, “Já sei, trabalho, trabalho e trabalho...”. Ou ainda: “Ai mamãe, você só quer saber de trabalho. Vamos brincar!”

Figuras 1 e 2 – Mães no cenário pandêmico.



Fonte: Thais Vanderheyden, 2020 (ilustradora belga de livros infantis e mãe de 4 crianças).

As portas – caso não sejam trancadas – são facilmente invadidas. Escuta-se o choro e as aparições infantis surpresas nas telas de aulas, de reuniões e de congressos remotos tornam-se corriqueiras. Os filhos nos querem mais; enquanto nós, mães docentes e pesquisadoras universitárias, precisamos de mais tempo/espaço para escrever cientificamente sobre o que temos percebido e lido do mundo nesse momento, a partir de nossos campos tradicionais de investigação e de nossas grades teóricas de leitura. Falta-nos paciência. Falta-nos inspiração. Quando a casa torna-se silenciosa, quando o “teto torna-se parcialmente nosso”, o cansaço do dia se impõe e conseguimos cumprir tão somente com o urgente, com o necessário. Como conseguir escrever diante de uma crise que se prolonga há meses? Ou mais, como produzir artesanato intelectual se o tempo nos é escasso? Penso que o artesanato exige, em si mesmo, o emprego particular e singular do tempo.

Figura 3 – Mães trabalhando em casa.



Fonte: arquivo pessoal da autora (2020).

Não ao acaso, já em 2020, se constatou, por meio de pesquisas quantitativas (STANISCUASKI *et al.*, 2020) e qualitativas (CASTRO e CHAUGURI, 2020), a queda na produção intelectual das docentes universitárias que são também mães⁸.

Simone de Beauvoir já dizia: “Basta uma crise política, econômica e religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados” (BEAUVOIR, S. O segundo sexo. 2^a ed. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009, p. 29). A pandemia e o

⁸Para saber mais, ver: <https://diplomatie.org.br/maternidade-academia-e-pandemia/>

isolamento estão aí para mostrar isso. Enquanto algumas conseguem usar o tempo em casa para aumentar a produtividade acadêmica, muitas se veem às voltas com os cuidados domésticos, relativos às crianças e também aos idosos da família. Os resultados das pesquisas que estão sendo realizadas nesse período de confinamento certamente irão expor as desigualdades de gênero a que somos submetidas, entre elas aquela relativa à maternidade e à produtividade acadêmica. (CASTRO e CHAUGURI, 2020).

A desigualdade de gênero é perceptível nos resultados do levantamento. No geral, as pesquisadoras relatam mais dificuldade de trabalhar no regime de *home office*.

No caso das pesquisadoras, outro ponto que parece influenciar na produtividade é a idade das crianças. Entre as docentes, o índice de submissão de artigos conforme planejado antes do isolamento social é menor quando a pesquisadora tem filhos com menos de um ano de idade (32%) ou entre um e seis anos (28,8%). Nos homens com filhos, a submissão de artigos não varia tanto em razão da faixa etária das crianças⁹ (Autora, 2020).

Segundo dados da pesquisa empreendida pela equipe brasileira do *Parent in Science*, as docentes mulheres com filhos foram as que mais se beneficiaram da ampliação de prazos (43,9%) para a entrega de relatórios ou artigos e as mulheres com filhos pequenos foram as que menos submeteram artigos durante pandemia (32%)¹⁰.

A geógrafa Anita Loureiro (2020) nos fala sobre a espacialidade do lar como relacional e aberta e, portanto, conflitiva. Lançando mão de geógrafas feministas percebe na casa um dos espaços mais críticos da pandemia e nos indaga a refletir sobre: “Em que lugar da casa a mulher-mãe pesquisadora vai ambientar seu “lugar-dentro-do-lugar”, seu tempo-espço do trabalho? (LOUREIRO, 2020, p. 160) Partindo de suas considerações, se V. Woolf, que não tinha filhos, já salientava a importância de um “teto todo seu” para escrevermos, vemos na pandemia como esse teto torna-se,

⁹Disponível em: <https://www.ufrgs.br/coronavirus/base/pesquisa-da-ufrgs-revela-impacto-das-desigualdades-de-genero-e-raca-no-mundo-academico-durante-a-pandemia/> . Acesso em: 10 fev. 2021

¹⁰Disponível em: <https://www.ufrgs.br/ciencia/wpcontent/uploads/2020/07/LevantamentoParentinSciencePandemia.pdf> . Acesso em: 10 fev. 2022.

ainda mais, o teto de muitos e todo o tempo, com “mães ausentes, mas presentes ao trabalhar”. Nesse sentido, em sua interpretação, o teto tornou-se ainda menos “todo seu”. Passou a ser de todos da família e a um só tempo. Por isso, conflitiva e relacionalmente, sobretudo, quando esse lugar é também composto por crianças pequenas, que demandam afeto e contato, especialmente, por conta do seu isolamento.

Por tudo isso, a casa atualmente é um espaço-tempo ainda mais *sui generis* e, para mim, condensado. Parece-me ser a partir de onde temos nossas experiências e também as lentes das quais podemos atualmente – nesse momento – pensar o mundo. Em alguma medida, é o lugar a partir de onde o “artesanato intelectual” se desenha ou, no limite, tem começo; é um espaço de tensões e de sobrecargas física e mental, mas também um laboratório do mundo social mais amplo. É atualmente o lugar das experiências das mulheres mães que pesquisam, escrevem e ensinam. Diante disso, por que não considerá-lo como lugar de nossa experiência e de escrita nesse momento? A experiência intensa e condensada da casa e de todos esses processos sociais não me parecem denunciar violências e desigualdade recentes (AUTORA, 2020), haja vista a produção intelectual materna ter sido sempre desigual, quando comparada a dos demais pesquisadores. Não obstante, a pandemia tem acentuado sobremaneira a urgência da transformação dessa situação. Silvia Federeci (2018), filósofa italiana feminista há décadas engajada no debate sobre o reconhecimento do trabalho doméstico, aposta no “trabalho afetivo” como um ofício particular que “afeta” no sentido de produzir o diferencial, de desestabilizar ordens sociais e de promover outras conexões sociais, entre pessoas, redesenhando vínculos e mundos. Essa, entretanto, não é, de costume, a leitura mais corrente do trabalho doméstico; considerado menor, invisível e decorrente do mundo natural e do sexo biológico, que talham as mulheres para o seu desempenho, que envolve, majoritariamente, o cuidado (LAQUEUR, 2001; RODHEN, 2008).

Caminhos possíveis

Diante da pandemia, da queda de produtividade acadêmica e profissional e da sobrecarga de trabalho de mulheres docentes e mães, penso que as ideias de crise e

de artesanato, anunciadas como costura deste artigo, nos sugerem horizontes para o ofício dessas mulheres. Em primeiro lugar, é preciso reconhecer a casa como esse lugar avesso ao trabalho intelectual das mulheres. Mas, em outro sentido, considerá-lo como lugar de onde problematizamos o mundo, parece-me um modo de iniciarmos o artesanato a partir da crise experimentada. Tomar a casa como universo a ser investigado para muito além da vida privada ou da intimidade. E, assim, ao final, considerar tais produções com trabalho intelectual que descreve as desigualdades de gênero, a invisibilidade do trabalho doméstico e reprodutivo e a diferença estrutural entre a escrita de mulheres mães e de homens no mundo científico.

A meu ver é preciso escrever sobre o amíúde do cotidiano, sobre o que vive-se dentro das casas, dos quartos e na cozinha, com panelas sujas e crianças gritando, enquanto temos ideias interessantes para um artigo, mas não conseguimos concluí-las no papel, por falta de tempo e de espaço. Dizer do próprio mundo, a partir da teoria social posta e consolidada é, como bem vimos acima, uma recomendação para o bom trabalho da pesquisa social. Esse amíúde é o que aterra a crise e a torna palpável a partir das vidas vividas e suas narrativas. Desta forma, gostaria de concluir este artigo, com mais um relato pessoal, nesse caso de um encontro em que coordenei os debates e as exposições de outras docentes universitárias mães.

Em uma mesa-redonda na última 32ª Reunião Brasileira de Antropologia, em novembro de 2020, intitulada “Como fica a prática do ensino, da pesquisa e da escrita quando as antropólogas se tornam mães?”, Marina Nucci, pós-doutoranda no IMS da UERJ e mãe de duas meninas, ao gravar o vídeo que apresentaria naquela ocasião, contabilizou quantas vezes havia sido interrompida por suas filhas. No vídeo exibido durante o congresso, sua filha mais velha sustentava uma folha A4 com desenhos e o motivo da interrupção: “o bebê quer mamar”, “o bebê está comendo o fio do computador” e “a filha mais velha precisa de ajuda nas aulas remotas”. Foram 15 minutos de fala gravadas, com 5 interrupções.

As páginas deste texto foram escritas do mesmo modo, em minha casa, com meus filhos; quando pude e de maneira difusa, não quando as ideias me chegavam, de modo inspirado ou em um rompante, para arquitetar o argumento. Tampouco quando eu queria, nem quando eu podia, mas, como problematizado acima, quando eu conseguia. Estou certa de que muitas das ideias originais se perderam por conta

de não ter “o lugar dentro do não lugar” (OLIVEIRA, 2020) para a escrita concatenada. Em minha leitura, entretanto, esses são fatos, experiências e emoções que, por si só, precisam ser consideradas à luz de todo o processo social que a pandemia tem descortinado quanto ao cuidado, ao trabalho e à desigualdade de gênero em nossa sociedade. Dessa maneira, deve ser tomado como um “fato social” a ser problematizado a partir da teoria e de outras situações experimentadas – próximas e distantes de nós, tendo assim o estatuto de algo importante e muito “bom para pensar” e produzir ciência.

Elaine Muller, antropóloga e docente do Departamento de Museologia da UFPE, nessa mesma mesa-redonda, aventou a possibilidade de considerarmos a ideia de mãe como “uma categoria” que marca uma diferença e que, assim, caracteriza aquela pessoa e não mais como algo histórico e espacial. Em seu entender, a categoria mãe e a ideia de maternidade têm sido duramente criticadas no interior nas Ciências Sociais mais contemporâneas por sua suposta consubstancialidade, fisicalidade e heteronormatividade. Para a antropóloga, entretanto, ainda que a crítica tenha suas importantes razões, “não se pode jogar a mãe com a água do banho”; seria preciso compreender a experiência daquela mulher como atravessada pela maternidade, ou seja, por mais esse marcador social da diferença que adviria da ideia de mãe como uma categoria, assim como classe, gênero, raça/cor e tantas outras. Partindo dessa sua leitura, tendo a considerar que a categoria mãe marcaria a escrita e a produção das pesquisadoras e docentes universitárias, transformando o produto de seu trabalho, distinguindo-o justamente porque é caracterizado pela maternagem, enquanto prática e tudo aquilo o que ela envolve. Seria, assim, falar da crise e fazer artesanato, a partir da casa pandêmica condensada ou da casa ordinária, tomando-a epistemologicamente como valorosa e digna de reflexão acadêmica: em suas mazelas, dilemas e potencialidades. De modo a atentar para o que nos recomenda W. Mills:

Sejamos uma boa artesã: evitemos qualquer norma de procedimento rígida. Acima de tudo, busquemos desenvolver a nossa imaginação sociológica. Evitemos o fetichismo do método e da técnica. É imperiosa a reabilitação do artesão intelectual, despreziosa (MILLS, 2009, p. 240).

Nesse sentido, tomando esse “centro de si” – nossas casas – como esse lugar da experiência e da complexidade do que acontece no mundo, iria tornar-se possível teorizar sobre o lugar das mulheres na vida social dos cuidados, do trabalho reprodutivo/produtivo, sobre a ausência de bem-estar social, o neoliberalismo e a infância na atualidade, pois a casa pandêmica tem nos colocado diariamente diante de todos esses pontos, temas e realidades em que vivemos. Cada pausa da escrita, cada página de leitura abruptamente cortada precisa, assim, ser tematizada como algo em si, mas também como muito além do que poderia ser considerado corriqueiro e tão somente pessoal, posto que dali também nasce a teoria social e a ciência.

Referências

- AURELIANO, W. Refazendo-se: sobre maternidade e deficiência. *In*: SOARES, C. E. C. A.; CIDADE, S. A. C.; CARDOSO, C. V. (Orgs.). *Maternidades Plurais: os diferentes relatos, aventuras e oceanos das mães cientistas na pandemia*. 1ª ed. Belford Roxo: Bindi, 2020, p. 815-821. 2020.
- CARDOSO DE OLIVEIRA, R. O Trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever. *Revista de Antropologia*, vol. 39, nº. 1 (1996), pp. 13-37. Published by: Revista de Antropologia. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/41616179>. Acesso em: 20 nov. 2021
- CARUZO, M.B.R.; RAMALHO, M.O., PHILIPP, J.; BRAGAGNOLO, C. *Maternity, science and pandemic: an urgent call for action!* Hoehnea [online]. 2020, vol. 47 [cited 2021-03-31], e812020.
- CASTANEDA-RENTERIA, Liliana Ibeth Castañeda. Tiempo, género y pandemia. Ciclo de Seminário. Além da Pandemia de Covid-19. *Sociedade, temporalidades e poder: olhares globais*. Organização Universidade do Minho/PT e Universidade de Guadalajara/MÉX. Apresentação Oral. 04 de fevereiro de 2020.
- CASTRO, Bárbara; CHAGURI, Mariana. *Um tempo só para si: gênero, pandemia e uma política científica feminista*. *Blog DADOS*, 2020 [publicado em: 22 mai. 2020]. Disponível em: <http://dados.iesp.uerj.br/pandemia-cientifica-feminista/>. Acesso em: 20 nov. 2021
- FEDERICI, S. *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. São Paulo: Elefante, 2018.
- FONSECA, C. *Mãe é Uma Só?: Reflexões em torno de alguns casos brasileiros*. *Psicol. USP*, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 49-68, 2002.
- FREITAS, B. *Mãe, ainda mulher: uma narrativa sobre a imbricação dos papéis e das formas de existência de uma mulher mãe na pandemia*. *Áltera*, João Pessoa, v. 1, n. 10, p. 433-440, jan./jun. 2020.
- GAMA, Fabiane. A autoetnografia como método criativo: experimentações com a esclerose múltipla, *Anuário Antropológico*, v. 45, n. 2, p. 188-208. 2020.

GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. 1ª ed., IS. reimpr. Rio de Janeiro: LTC, 2008, p. 323.

GOLDEMBERG, M. *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Record, 2017.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 5, p. 7-41, 2009.

HIRATA, H. Subjetividade e sexualidade no trabalho de cuidado. *Cadernos Pagu*, Campinas, SP, n. 46, p. 151-163, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8645399>. Acesso em: 1 abr. 2021.

LAQUEUR, T. *Inventando o Sexo: corpo e gênero, dos gregos a Freud*. Tradução: Vera Whately. Relume Dumará. Rio de Janeiro, 2001.

LEVI-STRAUSS, C. *De perto e de longe*. RJ: Nova Fronteira, 1990.

LOURETTI, P.; SANCHES, T. Maternidade, academia e pandemia. *Le Monde Diplomatique*. Feminismos Transnacionais. Edição de 22 de maio de 2020. Disponível em: <https://diplomatique.org.br/maternidade-academia-e-pandemia/>. Acesso em: 30 nov. 2021.

MALUF, Sônia Weidner. Janelas para a cidade pandêmica: desigualdades, políticas e resistência. *Tomo Programa de Pós-Graduação em Sociologia*, v. 38, pp. 251-284, 2021.

MILLS, W. C. *Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

MORAIS LIMA, Andressa Lidicy Moraes; MORAES, Lorena Lima de. A pandemia de Covid-19 na vida de mulheres brasileiras. *Revista Inter-Legere*, v. 3, n. 28, p. c22568, 14 set. 2020.

NAKAMURA, E. O método etnográfico em pesquisas na área da saúde: uma reflexão antropológica. *Saúde soc.* v. 20, n. 1 pp. 95-103, 2011.

OLIVEIRA, L. A. A espacialidade aberta e relacional do lar: a arte de conciliar maternidade, trabalho doméstico e remoto na pandemia da Covid-19. *Revista Tamoios*, [S.l.], v. 16, n. 1, mai., 2020. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/tamoios/article/view/50448>. Acesso em: 31 mar. 2021.

PIRES, F. F. Por que as mães reclamam tanto? O Isolamento Social Imposto pelo Covid-19 e o Cansaço Estrutural das Mães. In: SOARES, C. E. C. A.; CIDADE, S. A. C.; CARDOSO, C. V. (Orgs.). *Maternidades Plurais: os diferentes relatos, aventuras e oceanos das mães cientistas na pandemia*. 1ª ed. Belford Roxo: Bindi, 2020, p. 372-377.

ROHDEN, F. O império dos hormônios e a construção da diferença entre os sexos. *Hist. Ciênc. Saúde – Manguinhos* [online]. 2008, vol. 15, suppl., pp. 133-152.

ROSO, A.; GUDOLLE DE SOUZA, J.; MATOS ROMIO, C.; DE SOUZA, A. F. *Fique em casa*. *Revista Inter-Legere*, v. 3, n. 28, p. c21581, 2 set. 2020.

SIQUEIRA, P.. *Ser afetado*, de Jeanne Favret-Saada. Cadernos De Campo (São Paulo - 1991), 13(13), 155-161. 2005.

STANISCUASKI, F. *et al.* *Gender, race and parenthood impact academic productivity during the Covid-19 pandemic: from survey to action*. BioRxiv, 2020.

STANISCUASKI, F., *et al.* Parent in Science Movement. 2020. *Impact of Covid-19 on academic mothers*. Science 368: 6492. 2020.

VELHO, G. Observando o familiar. *In:* Oliveira, Edson. *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

WOOLF, V. *Um teto todo seu*. Trad.: SOUSA, N. B.; MATTOSO, G. 1ª ed. São Paulo: Tordesilhas, 2014.

Recebido em: 29 nov. 2021.

Aceito em: 10 mai. 2022.

COMO REFERENCIAR

CARNEIRO, Rosamaria. Quem tem tempo de escrever na pandemia de Coronavírus? Ciências Sociais, produção acadêmica e maternidade. *Latitude*, Maceió, v. 16, n. 1, p. 234-252, 2022.